

**A VIOLÊNCIA ESCOLAR NA PAUTA DOS GRUPOS DE PESQUISA:  
REFLETINDO SOBRE AS PRODUÇÕES E A SOCIALIZAÇÃO DESSE  
CONHECIMENTO**

SILVA, Lívia Sousa da  
Universidade Federal do Pará  
[liviasilva@ufpa.br](mailto:liviasilva@ufpa.br)

ALVES, Laura Maria Silva Araújo  
Universidade Federal do Pará  
[laura@ufpa.br](mailto:laura@ufpa.br)

**RESUMO** Espera-se contribuir para o levante do conhecimento acadêmico-científico, produzido atualmente pelos grupos de pesquisa cadastrados na base de dados do diretório do CNPQ; não apenas para compor um cenário das abordagens dadas ao fenômeno da violência nas escolas e seus matizes; mas principalmente, para problematizar a política de divulgação desse conhecimento – e de maneira geral, da que é desenvolvida no país – e os comprometimentos para uma socialização eficaz, que permita o empoderamento social e a construção de uma cultura científica cidadã. Para tanto, a investigação percorreu a base de dados do diretório do CNPq, as *home pages* dos grupos de pesquisa e os currículos lattes de seus líderes, para o remonte das informações pretendidas. Ao logo de todo a pesquisa a dificuldade de acesso aos trabalhos científicos e esclarecimentos sobre o conteúdo das pesquisas desenvolvidas pela maioria dos grupos foram pontos marcantes na pesquisa, que nos levaram a conclusão de que não há acesso facilitado ao conhecimento, nem mesmo aos que partilham dos códigos acadêmicos. Dificultando as informações que poderiam estar contribuindo, instrumentalizando ações educativas de prevenção e intervenção à violência nas escolas.

**Palavras-Chave:** Grupos de Pesquisa. Violência Escolar. Socialização do Conhecimento.

**ABSTRACT** Expected to contribute to raise the academic and scientific knowledge produced by research groups currently registered in the database CNPq directory, not only to compose a scene of the approaches given to the phenomenon of school violence and its nuances; but mainly, to question the policy of dissemination of this knowledge - and in general, which is developed in the country - and the commitment to an effective socialization, allowing the social empowerment and the construction of a scientific culture among citizens. For this, we investigated the database directory of

CNPq, the home pages form research groups and curricula lattes of its leaders, to reassemble the required information. Throughout the study the difficulty of access to scientific works and clarification on the content of the research developed by most CNPq groups were the highlights in the research, which led us to conclude that there is not easy access to knowledge, even those who share the codes academics. Hindering the information that could be contributing, orchestrating education prevention and intervention of violence in schools.

**Keywords:** Research Groups. School Violence. Socialization of Knowledge.

## 1 INTRODUÇÃO

A violência que permeia o ambiente escolar hoje, longe de ser um problema novo, tem se intensificado cada vez mais e se diversificado em muitos matizes de expressividade. E apesar de fazer parte da realidade escolar há muito tempo, os estudos que se dedicam a tal temática são recentes, mais ou menos, a partir da década de 1980. No Brasil, só muito recentemente tem-se dado atenção ao fenômeno, em decorrência do aumento das agressões físicas e casos fatais relatados pela mídia.

Compreendendo que se trata de um problema de ordem sócio-político-cultural, que demanda – enquanto fenômeno complexo, multidimensional e pluricausal – de ações integradas de intervenção e principalmente, de prevenção; é que se ressalta o papel da ciência enquanto produtora de conhecimento, na instrumentalização de políticas públicas, ressignificação de valores e condutas da cultura escolar, tanto quanto de uma conscientização social que permita a todos educar-se no combate à violência.

No entanto, na tentativa de compor um cenário de pesquisas, abordagens e matizes da Violência Escolar (V.E), para a compreensão dos caminhos que as pesquisas neste campo vêm tomando nos últimos anos – as questões que mais se destacam, os objetos mais abordados, as discussões empreendidas; como sustentáculo para um trabalho num viés que contribuísse para novas reflexões e no desvelar de especificidades que ainda possam requerer maiores e ou melhores compreensões; deparamo-nos com inúmeros obstáculos e descaminhos tantos que nos fizeram pensar se o conhecimento está realmente acessível a todos.

Após uma caminhada tortuosa, entre os trabalhos sinalizados nos currículos lattes dos líderes dos grupos de pesquisa, e outros que foram possíveis pela procura nas páginas dos grupos e ou das instituições; sobre os quais delimitamos a análise,

pela percepção dos objetos, do problema de estudo, a metodologia elencada, o período histórico ao qual detém a análise; mas também situando espacialmente os grupos para se poder perceber em que lugares os estudos sobre V.E têm se concentrado, ou se de alguma maneira encontram-se equivalentes. E principalmente, de forma mais ampla, poder compor esse cenário brasileiro de estudos e pesquisas sobre V.E, pelo trabalho e produção dos grupos de pesquisa.

Assim, este artigo se articula entre a reflexão sobre a socialização do conhecimento e a construção de uma cultura científica cidadã; tomando a pesquisa sobre estudos em V.E dos grupos de pesquisa, como elemento problematizador da atual situação de acesso a esse conhecimento; as possibilidades que se vislumbra e as contribuições que se espera.

## ***2 POR UMA CULTURA CIENTÍFICA CIDADÃ: maior visibilidade e socialização do conhecimento construído sobre as interfaces do fenômeno da violência escolar.***

[...] Há alguma razão de peso para substituímos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres da nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? [...] (ROUSSEAU apud SANTOS, 2004, p.7).

O debate pela abertura da ciência, pela sua democratização, de acordo com Santos (2004), tem ocorrido tanto no interior da própria ciência como por meio de iniciativas pessoais e de movimentos sociais organizados, que lutam por um conhecimento aberto aos cidadãos, de maneira a permitir sua participação nas discussões e nas decisões a respeito do que os possam afetar; considerando sua relevância para a promoção de transformações mais consistentes na vida das pessoas e de maneira geral nas condições sócio materiais vivenciadas.

A partir deste cenário, Albagli (1996) nos ajuda a refletir sobre o papel da divulgação da ciência no mundo contemporâneo; destacando o quanto a ciência eleva-se em importância estratégica nas estruturas política, econômica e cultural. O que tem levado a comunidade técnico-científica a emergir como novo seguimento social em busca de legitimação. E que no âmbito do progresso científico-tecnológico

a ciência e a tecnologia se mercadorizam, tornam-se bens mercantis que se disponibilizam e ou se protegem a depender dos interesses de mercado.

No que Café (2007) corrobora, quando acentua a compreensão de campo científico como espaço de concorrência, para a obtenção de autoridade, neste caso autoridade científica, a qual confere legitimidade – aos pesquisadores – perante a sociedade, assim como prestígio e reconhecimento; tal autoridade seria resultado de sua competência técnica e do poder social que lhe é investido, garantindo desta forma que como agente legítimo da ação científica, garanta o monopólio sobre as produções. Tal estrutura de poder se dá pelo acúmulo de certo “capital científico” que agrega valor não só ao sujeito pesquisador, quanto para a própria ciência em si.

Café (idem), assim, problematiza o quanto essa busca por visibilidade, acaba por determinar os conteúdos e caminhos pelos quais a pesquisa se compõe, que de acordo com tal autor, longe de servirem a um propósito de cunho social, servem hoje muito mais, para a obtenção de reconhecimento entre pares concorrentes; tratando-se de uma espécie de “lucro simbólico”.

Deste limiar, Vogt (2009) vem nos apontando o desafio e o compromisso ético que devemos ter em meio ao que se convencionou chamar de economia ou sociedade do conhecimento; aonde este é transformado em riqueza por meio do processo de agregação de valor, estabelecido pelas inovações tecnológicas, que resultam em produtos de mercado, conferindo ao conhecimento, valor comercial. De que o inverso também se dê, o de transformarmos riqueza em conhecimento, que segundo este autor, “sob governança adequada, propicia, através da prática de boas políticas públicas de ciência e tecnologia, as condições de fomento para a geração, a difusão e a divulgação de novos conhecimentos”. (VOGT, 2009, p.1).

Para tanto, Albagli (idem) depreende diferenciações conceituais bastante pertinentes às discussões tecidas até aqui; as quais tratam da compreensão sobre divulgação, difusão e comunicação científicas. Para tal autora, a divulgação trata da tradução de informações científicas de seus termos especializados para uma linguagem mais popularizada, ao alcance de todos, especialistas ou não. Inclusive, Café (2007) quando aborda os entraves à socialização do conhecimento acadêmico-científico vem justamente apontando o elitismo da linguagem utilizada, o que exige o domínio de códigos lingüísticos que circulam e são próprios do meio acadêmico, cerceando desta forma o acesso facilitado a estes conteúdos.

Quanto à difusão, Albagli (idem) a entende como, todo e qualquer processo de comunicação de conhecimento, sem que para isso haja preocupação em relação aos diferentes públicos aos quais chegarão a informação; neste caso o conhecimento se coloca “acessível” mas numa linguagem que talvez privilegie apenas a quem a domina, ou já lhe tem intimidade. E, por último, a comunicação científica, que se configura por se dá apenas para um público seletivo os quais dominam os códigos lingüísticos acadêmicos – os sujeitos que compõem o campo científico.

A este trabalho cabe reivindicar que, para além das comunicações científicas, as mais freqüentes e potencializadas pela política de divulgação exercida no país, pelos meios qualificados como eventos científicos e periódicos; também se intensifiquem processos de difusão e preponderantemente de divulgação, nos termos de Albagli (idem), principalmente em se tratando da divulgação de questões como a violência escolar e muitas outras, para a ampliação de possibilidades educacionais, instrumentalização do cidadão para tomada de decisões mais conscientes, alargando horizontes de ações mais esclarecidas e em condições reais de intervenção e de poder decisório.

Cabe-nos segundo Schommer (2006), questionar o sentido útil que a ciência possui, como promotora de justiça social na distribuição de melhores condições de vida, no sentido de problematizar contextualmente, hoje a quem está servindo esse modelo político-científico ao qual estamos submetidos; será que comprometidos com o estabelecimento do bem estar social?!

Trata-se, portanto, de situar a ciência num paradigma de responsabilidade social, o que implica “induzir os cientistas a comunicarem-se mais clara e interessadamente em termos leigos” (ALBAGLI, 1996, p.398). Popularizando o conhecimento científico, levando ao conhecimento métodos e processos, tanto quanto os mecanismos institucionais que incidem no controle, financiamento e organização da ciência; ou seja, questionar os significados sociais da atividade científica, pela compreensão dos fenômenos políticos e sociais que a influenciam e ou determinam. É o que nos alerta Albagli (idem).

Assim acreditamos que, o sentido democrático deva imperar nas políticas de divulgação do conhecimento acadêmico-científico, para que todos possam ter clareza dos caminhos para os quais o desenvolvimento científico-tecnológico –

construtos de metas governamentais – irá nos levar. Michinel & Fróes (2007) tratam a socialização do conhecimento científico como condição para a produção de significados sociais relevantes à comunidade ampliada, de forma a possibilitar uma formação cidadã.

Contudo, ainda nos cabe discutir uma última tônica dada a questão da socialização do conhecimento científico, contribuindo para a reflexão da forma como o mundo contemporâneo tem se relacionado com a ciência, superestimando-a; e principalmente como artífice de promoção pessoal, social etc. como já discutido outrora. Neste sentido, Santos (2004) defende o diálogo entre o conhecimento científico e o senso-comum; partindo de uma transformação paradigmática, pelo qual a ciência despida de racionalidade técnica e de traços hegemônicos e marginalizadores, venha a sustentar-se no “conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos nossas ações e damos sentido a nossa vida” (SANTOS, 2004, p. 55).

Reconhecendo, desta forma, no senso comum, virtudes que possam vir a enriquecer as relações das pessoas com o mundo. Santos (2004) nos assegura que: “a ciência [...] ao se sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em auto-conhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida” (SANTOS, 2004, p. 57).

E reitera que, para se conseguir impor uma dinâmica permanente de democratização da ciência, importa que os grupos cujo interesses são afetados por qualquer atividade científica, estejam bem representados nos processos de tomada de decisão, a nível local, nacional e global. E que seguramente, derrubar barreiras entre cientistas e especialistas, de um lado, e cidadãos comuns, de outro; não é tarefa fácil, mas necessária e a nosso ver, urgente; pois que por esta interlocução entre o conhecimento construído e a realidade vivencial de cada escola se possa refletir e agir de forma mais consciente no que diz respeito às situações de violência experimentadas neste ambiente.

### **3 OS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL QUE ESTUDAM SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR E O QUE ESTÁ EM PAUTA**

Na construção de um cenário que desse conta de demonstrar a natureza das pesquisas desenvolvidas atualmente sobre violência escolar, no Brasil; buscamos os aportes da base de dados e de busca do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ, do qual delineamos informações mais pormenorizadas no que se segue, assim como do percurso metodológico em seus achados e obstáculos; como também apresentamos o panorama de pesquisas que se apresenta: discussões e conclusões; na sua relação com a reflexão acerca da política de produção do conhecimento empreendida anteriormente.

### *3.1 O DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA – CNPQ<sup>1</sup>*

O Diretório dos Grupos de Pesquisa é um projeto do CNPQ, desde 1992 que se inaugura enquanto banco de dados, de informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no país. Essas informações dizem respeito principalmente aos “recursos humanos constituintes dos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, e a estatística da produção científica e tecnológica. Além disso, cada grupo é situado no espaço (região, UF e instituição) e no tempo”.

De acordo com o CNPQ, a criação de tal base corrente possui objetivos que perpassam principalmente “o intercâmbio e a troca de informações. Com precisão e rapidez, é capaz de responder quem é quem, onde se encontra, o que está fazendo e o que produziu recentemente”; assim como, “ferramenta para o planejamento e a gestão das atividades de ciência e tecnologia” e finalmente, como instrumento de “preservação da memória da atividade científico-tecnológica no Brasil”.

Os grupos de pesquisa são cadastrados no CNPq via os dirigentes institucionais de pesquisa das instituições participantes, os quais são os únicos responsáveis pelo cadastramento dos líderes de grupos e a certificação dos mesmos junto ao CNPq, ou seja, a relação entre o CNPq e os grupos é institucional e mediada. Para ter acesso aos dados de cada grupo basta acessar o menu do portal do CNPq e marcar “Diretórios de Grupos de Pesquisa”, o que garantirá acesso

---

<sup>1</sup> Informações obtidas no site do CNPq, desta forma, as passagens submetidas à aspas, representam citações diretas oriundas de tal site.



à base corrente que permite a busca de informações sobre os grupos; e também aos Censos que retratam o estado da pesquisa no Brasil.

### 3.2 O PROCESSO DE BUSCA

Na busca textual de grupos certificados na base atual do diretório, realizada em janeiro de 2011, utilizou-se como palavras-chave, exclusivamente o termo “violência escolar” obtendo-se (41) resultados, ou seja, 41 grupos de pesquisa que apresentam em suas páginas no diretório menção a tal termo. Destes 41, haviam os que destacavam somente a “violência”, tratando na suas mais variadas dimensões, sem que estivessem de alguma maneira relacionadas a escola; ao contrário, haviam outros que se detinham de problemáticas da dinâmica escolar sem relacioná-las a episódios de violência; em decorrência disto, tais grupos não foram considerados uma vez que interessaria a este estudo apenas os que se ocupassem de pesquisas no tema específico da violência no âmbito escolar.

Só obtivemos sucesso no encontro de produções de três grupos diretamente das home pages indicadas nas páginas do diretório. Para os demais, ou não apresentavam home Page, ou apresentavam como home Page o site da universidade a qual estavam vinculados e neste âmbito a busca se dificultou ainda mais, uma vez que se tinha de percorrer todo o ambiente virtual das universidades, muitas vezes sem sucesso, porque ou não estava explícito o campo “Grupos de Pesquisa”, ou se estava, não apresentava qualquer informação sobre as produções desses grupos. Por este caminho de busca evidenciou-se apenas (2) achados no site de apenas uma universidade, que dispunha de uma visibilidade favorável a tal busca.

Como não há páginas próprias para os grupos de pesquisa nos sites das universidades, estes se encontram imersos nas informações das faculdades, institutos e ou pólos e campi aos quais estão vinculados, o que dificulta bastante o processo de busca. As informações ficam dispersas pelos mais variados caminhos de busca no site; com difícil acesso e visibilidade. Outras vezes, os campos a respeito da pesquisa, versam apenas sobre as funções e realizações das pró-reitorias e demais departamentos responsáveis pela gestão das questões burocráticas e administrativas relacionadas à pesquisa; aquém à socialização do conhecimento produzido no interior dos grupos de pesquisa que lhe compõem.



Nas páginas das instituições particulares, a dificuldade se acentua; porque são extremamente comerciais, os principais destaques são para os processos seletivos, e outros que possam propagandear a favor da escolha de tal instituição para realização de formação.

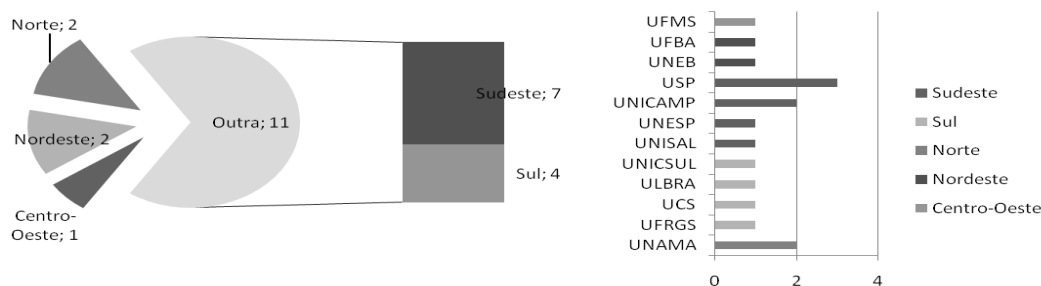
E, ainda, a partir dos insucessos advindos das formas de busca situadas acima; teve-se de buscar informações nos currículos lattes dos líderes dos grupos, como medida alternativa para se idealizar o âmbito de produção dos grupos. As produções encontradas dizem respeito então, à informações e artigos disponíveis nas home pages dos grupos e em informações das pesquisas e produções bibliográficas do currículo lattes dos líderes de grupo.

Dos que tratavam da violência escolar e constituíram a análise e a composição do quadro das pesquisas em V.E (16), apenas (7) se constituíram a partir da temática da violência escolar e se dedicam a pesquisá-la de forma exclusiva. São grupos de formação bastante recente, no intervalo entre 2002 e 2007. Os demais são grupos de formação quase sempre antecedentes a essa década, que discutem sobre questões escolares e de saúde relacionada à educação, que incorporaram a temática da violência escolar em suas agendas.

### 3.3 OS GRUPOS DE PESQUISA E SUAS PRODUÇÕES

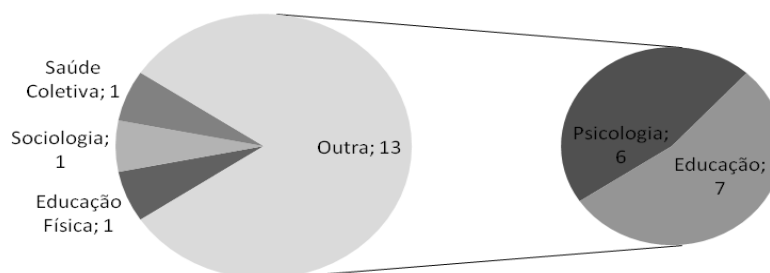
No que diz respeito à distribuição dos grupos de pesquisa por região, os grupos que estão desenvolvendo pesquisas no campo da V.E, concentram-se na região sudeste (7), com destaque para Universidade de São Paulo (USP) que engloba (3) grupos; acompanhada pela região sul (4); e de forma menos expressiva na região norte (2), na região nordeste (2) e na região centro-oeste (1).

Gráfico 1: Concentração dos grupos de pesquisa em V.E por região e instituição



Quanto às áreas de pesquisa, os grupos estudiosos da V.E concentram-se em 5 áreas diferentes: Educação (7), seguida de Psicologia (6), e outras menos abrangentes como Educação Física (1), Saúde Coletiva (1) e Sociologia (1). Na área da Educação destacam-se grupos da USP (2), UNICAMP (1), UNISAL (1), UCS (1), UNAMA (1), e UNEB (1). No que diz respeito à Psicologia, os grupos estão ligados a USP (1), UNESPE (1), UFRGS (1), UFBA (1), UNICSUL (1) e UFMS (1). Saúde Coletiva se faz representar por um grupo de pesquisa da ULBRA; assim como a área de Educação Física por um grupo da UNICAMP; e por último na área da Sociologia, a UNAMA a representa com um grupo.

Gráfico 2: Concentração dos Grupos de Pesquisa por Área



O importante a se perceber é que a temática da violência escolar é motivo de preocupação essencialmente do campo da educação, mas também de outras áreas que lhe são afins; o que é muito positivo, uma vez que o fenômeno da violência é multidimensional. Olhares e perspectivas diferentes convergindo para uma melhor compreensão das circunstâncias pelas quais a violência instala-se no ambiente da escola, assim como suas idiossincrasias, para a construção de ações interventivas e preventivas, capazes de transformar qualitativamente os cenários escolares violentos.

As produções as quais foi possível o acesso, são na sua grande maioria artigos publicados em revistas, ou em anais de eventos e livros (sinalizados como produções dos líderes de grupo nos currículos lattes dos mesmos)<sup>2</sup>. Pela análise destas, percebemos que há tendências de pesquisa, que por mais que os sujeitos,

<sup>2</sup> Isto está especificado nas referências bibliográficas.

os espaços, o período histórico e até mesmos os objetos sejam distintos, os intentos de pesquisa convergem numa certa busca de significado, pelas quais convencionamos algumas categorias, cuja significação mais abrangente, acreditamos, engloba as produções dos grupos.

Uma primeira tendência de pesquisa está para produções que estudam medidas preventivas e interventivas na violência escolar (10); são trabalhos que avaliam programas interventivos, que demonstram como se deu a validação entre educadores e outros profissionais, de instrumentos de diagnóstico da agressividade entre escolares; outros que privilegiam a percepção que professores e alunos têm das medidas adotadas nas suas escolas; relatos de experiências de medidas interventivas, e da utilização de jogos e da ludicidade; assim como os que questionam o papel da escola mediante a realidade de violência que enfrenta hoje em seu bojo.

Numa outra perspectiva há estudos que se dedicam à compreensão do fenômeno da violência e sua dinâmica na escola (5); são trabalhos que refletem sobre as manifestações da violência na escola, sobre o clima escolar, assim como referente às causas desse fenômeno; tratam também da relação entre as manifestações violentas e o paradigma da educação inclusiva, além de estudos comparativos entre manifestações violentas em escolas de pequeno e grande porte.

Há também um estudo que aborda como os atores escolares entendem, significam e ou representam a violência escolar. E, ainda, um estudo que relaciona a violência escolar com questões de gênero – este vem tratando da diferença de manifestação de comportamentos agressivos a depender do gênero (menino ou menina).

Outros três trabalhos que discutem as raízes históricas da violência escolar, como explicação para os desdobramentos que hoje se apresentam; destes, dois que tratam da arqueologia das sociedades contemporâneas enquanto derivações do neocolonialismo e imperialismo, e um dos seus desdobramentos, a extensão de uma ética da violência que influencia de modo perverso o cotidiano escolar no Brasil; e o outro que resgata a historicidade da emergência da violência como problema social.

Alguns trabalhos são específicos em relação à expressão de violência; destes, três cuidam da compreensão do *bullying*, de suas características e o conhecimento que os professores possuem a respeito deste tema; há ainda, dois

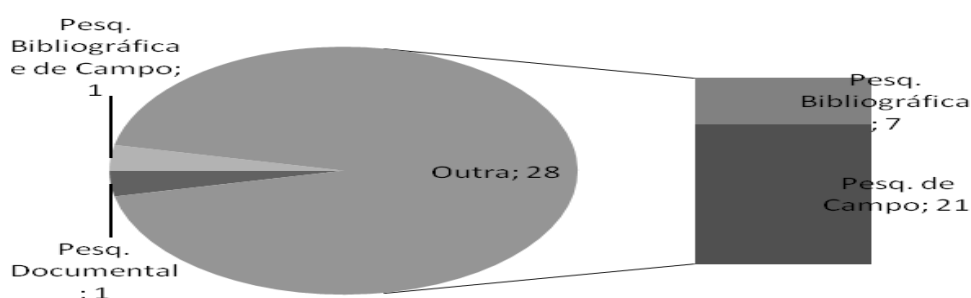
estudos sobre violência institucional, um que discute a escola como produtora de violência por meio de suas práticas, através do estudo dos conceitos de violência simbólica e psicológica, e o outro que, aborda a violência psicológica realizada por professores em relação aos alunos. Também há um trabalho que apresenta a dinâmica inversa, da violência praticada por estudantes contra professores.

Ainda a respeito da compreensão de modalidades específicas de violência escolar, encontramos dois estudos que abordam a questão da indisciplina – de forma conceitual e a respeito de como gestores lidam com essas situações nas escolas. Também outros dois achados que refletem sobre o suicídio entre adolescentes escolares, e por fim, um último que trata das situações de discriminação que acontecem na escola, como prática violenta.

Por último, evidenciamos apenas dois achados que relacionam as mídias com a questão da violência escolar; um estudo que realiza um trabalho de análise do filme “Coração Selvagem”, no ressaltado das possibilidades que se abrem ao espectador no sentido de (re)ver noções sobre violência e que são “naturalizadas” pela mídia; e um outro que pesquisa sobre o conceito de professoras do ensino fundamental a respeito do papel da mídia em relação à divulgação da violência.

Os grupos de pesquisa pautam seus estudos em processos metodológicos que convergem quase sempre para a pesquisa de campo, e cujas fontes são na maioria ou professores ou alunos. Uma vez optando pela pesquisa in loco, faz-se bastante compreensivo que os períodos históricos em análise sejam concomitantes às próprias pesquisas em si, no intervalo entre 2004 e 2009, considerando apenas os que os explicitava. Neste sentido, apresentamos algumas informações mais pormenorizadas nos gráficos abaixo:

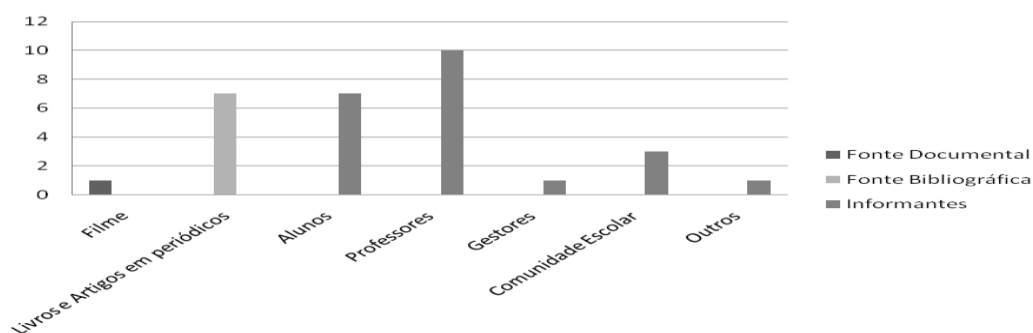
Gráfico 3: Opção Metodológica dos grupos de pesquisa no ressaltado do conhecimento sobre V.E



Como se pode observar no gráfico, as produções privilegiam como opção metodológica a pesquisa de campo. Dentre tais pesquisas, os instrumentos de captação das informações perpassam pela utilização de questionários (6), entrevistas (4), observação (2), grupo focal (1) e inventário (1) além de (7) produções sobre as quais não foi possível o acesso aos recortes metodológicos, porque foram levantadas via informações da plataforma lattes, a qual apresenta uma descrição bastante sucinta, que não especifica a metodologia do trabalho. Quanto aos referenciais teóricos de análise, mesmo nos trabalhos completos, a maioria não o menciona; em (7) trabalhos de campo, (4) utilizavam a análise estatística, (1) a abordagem sócio-histórica, (1) a análise de conteúdo e (1) utilizou a análise descritiva; há também (1) de pesquisa documental que também aponta a análise descritiva.

As principais fontes de informação nestas pesquisas podem ser visualizadas a seguir,

Gráfico 4: Principais Fontes de Informação utilizadas nas pesquisas dos grupos



O que nos demonstra que, em concordância com o modelo metodológico preferencial, os informantes aparecem, nas produções dos grupos de pesquisa, como as fontes de informação priorizadas. Dentre tais informantes, os professores aparecem em maior número (10), seguido por alunos (7); depois em menor número pesquisas que ouvem os gestores das escolas (1), e outros profissionais (1); há também as que trabalham com a percepção de toda a comunidade escolar (3). As pesquisas bibliográficas que são as que se detém mais de explicações conceituais e ou de questões históricas acerca do fenômeno da violência, utilizam-se exclusivamente de fontes bibliográficas tais como livros e artigos em periódicos (7);

e por fim a única pesquisa documental identificada utilizou como documento um filme cinematográfico.

Destacamos desta forma o quanto o campo que se detém da pesquisa sobre V.E é recente, e insipiente de pesquisa que possam traduzi-la na compreensão de suas dimensões histórico-culturais, principalmente em relação à forma pela qual a mídia tem construído significados sociais acerca desse tema, influenciando muitas vezes a forma pela qual as pessoas estabelecem suas condutas perante os eventos de natureza violenta; para a qual o arcabouço documental estaria em privilégio. Pois, a grande maioria dos trabalhos tem se ocupado da dinâmica do fenômeno na escola, sem a compreensão de como os sujeitos escolares e de maneira ampla, os sujeitos sociais significam o fenômeno, o que implica diretamente na forma como estes se comportam perante tais situações.

Ressaltamos também, a necessidade de uma maior atenção de pesquisadores das regiões norte, nordeste e centro-oeste a questão da violência nas escolas; e de maneira mais ampla a toda comunidade acadêmico-científica, que não só produzam conhecimento nesse campo de estudo, mas também faça coro à importância de socialização desses saberes, repensando suas estratégias de divulgação enquanto Grupo de Pesquisa, o que já traria gratas contribuições; apesar de entendermos que a situação de divulgação no país expressa intenções políticas para além dos micro-espacos dos grupos e até mesmo de suas instituições.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acreditamos que a democratização do conhecimento científico para a formação cidadã, inclusão e transformação social, pelo empoderamento dos sujeitos poder-se-ia concretizar por um paradigma dialético de divulgação, o qual conjugaria ações e instrumentos para a concentração de informações e dispersão das mesmas.

Referimo-nos, por exemplo, como já existem, a iniciativas de concentração tais como a Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações, que converge num único banco de dados os estudos de várias instituições de ensino superior. Salvo as ressalvas que haja, pensamos ser este um recurso facilitador ao acesso das Teses e Dissertações desenvolvidas no país, sem que se tenha de peregrinar em cada uma das instituições para obter tais informações.

Ainda neste sentido, supondo que para além das informações hoje pré-estabelecidas pelo CNPq no diretório dos grupos de pesquisa fosse possível acessar os principais projetos e as publicações mais recentes, e cuja existência da página virtual de cada grupo, com tais informações, fosse prerrogativa para a certificação desses grupos junto ao CNPq.

De outra forma também, a dispersão é importante, porque permitiria estabelecer a informação por meio de canais diversos, situação muito mais favorável ao acesso da sociedade ampliada; observando-se, como já discutido anteriormente, a linguagem e a apresentação de resultados, de forma que a interlocução entre ciência e sociedade se ampliasse e se qualificasse por uma ação de direito de participação e de decisão sobre o desenvolvimento técnico-científico do país.

### **LIVIA SOUSA DA SILVA**

Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (2008). Especialista em Psicologia Educacional com ênfase em Psicopedagogia preventiva pela Universidade do Estado do Pará (2010). Mestranda em Educação, linha Currículo e Formação de Professores, na Universidade Federal do Pará (UFPA); membro do Grupo de Pesquisa Constituição do Sujeito, Cultura e Educação (ECOS/CNPQ) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

### **LAURA MARIA SILVA ARAÚJO ALVES**

Bacharel em Psicologia pela Universidade da Amazônia (1984) e graduação em Formação de Psicólogo pela Universidade da Amazônia (1986). Especialista em Educação e Problemas Regionais na Amazônia, Universidade Federal do Pará (1988). Mestrado em Letras na área da Linguística pela Universidade Federal do Pará (1998) e Doutorado em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Realizou Doutorado Sanduíche na Universidade de Évora - Portugal. É professora Adjunto III da Universidade Federal do Pará. Vice-Coordenadora do grupo de pesquisa Constituição do Sujeito, Cultura e Educação (ECOS)/CNPq.

### **REFERÊNCIAS**

ALBAGLI, S. Divulgação Científica: Informação Científica Para A Cidadania? *Ciência da Informação*, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996.

BAGGIO, Lissandra; PALAZZO, Lílian S.; AERTS, Denise Rangel Ganzo de Castro. Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ)*, v. 25, p. 142-150, 2009.



BITTENCOURT, Alex Avelino et al. Sentimento de discriminação em estudantes: prevalência e fatores associados. *Revista de Saúde Pública / Journal of Public Health*, v. 43, p. 236-245, 2009.

BORGES, D. S. C.; MARTURANO, E. M.. Aprendendo a gerenciar conflitos: um programa de intervenção para a 1ª série do ensino fundamental. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 19, p. 17-26, 2009.

\_\_\_\_\_. Melhorando a convivência em sala de aula: Responsabilidades compartilhadas. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, v. 18, p. 123-136, 2010.

BRAGA, L. L; LISBOA, C.. Estratégias de Coping para Lidar com o Processo de *Bullying*: Um Estudo Qualitativo. *Interamerican Journal of Psychology*, v. 4, p. 321-331, 2010.

CAFÉ, A. L. P.. Enclausuramento das produções do campo acadêmico: *habitus* e desafios na perspectiva da socialização. In: VII CINFORM. Informação, Humanismo e Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2007, Salvador. Anais do VII CINFORM, 2007.

CANDREVA, T. et al. A Agressividade na Educação Infantil: o jogo como forma de intervenção. *Pensar a Prática (Online)*, v. 12, p. 1-11, 2009.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C.. Um Estudo sobre *bullying* entre escolares do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica (UFRGS. Impresso)*, v. 22, p. 200-207, 2009.

GUIMARÃES, Áurea Maria. Imagens de violência no cinema: um trabalho de (re) criação no filme *Coração Selvagem*. *Pro-Posições (UNICAMP. Impresso)*, Campinas, v. 13, n. 3, p. 113-124, 2002.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. A representação Social da Homofobia na Cidade de Lorena. *Revista Diálogo Educacional (PUCPR)*, v. 09, p. 587-604, 2009.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira; AQUILA, T. G. D.. Clima Escolar: caracterização das incivildades e o *bullyng* nas escolas de Lorena\SP. *Revista de Ciências da Educação*, v. 21, p. 107-126, 2009.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira; GONCALVES, P. L.. Violência Psicológica Docente: a percepção dos professores sobre os conflitos na sala de aula. *Revista de Ciências da Educação*, v. 21, p. 143-162, 2009.

LISBOA, C. S. M. ; KOLLER, Silvia Helena . Construção e Validação de Conteúdo da Escala de Percepção de Professores dos Comportamentos Agressivos de Crianças na Escola. *Psicologia em Estudo, Maringá - PR*, v. 6, n. 1, p. 59-69, 2001.

MICHINEL, J. L.; Fróes B, T. A socialização do conhecimento científico: um estudo Numa perspectiva discursiva.. Investigações em Ensino de Ciências (Online), v. 12, p. 369-381, 2007.

OLIVEIRA, J. ; RISTUM, M.. A violência escolar no contexto de privação de liberdade. Psicologia Ciência e Profissão, v. 30, p. 232-247, 2010.

PRODÓCIMO, E. . Um olhar sobre o *bullying*: reflexões a partir da cultura. In: Anais do IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE: políticas e práticas educativas: desafios da aprendizagem; Anais do III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia - ESBPp. Curitiba : Champagnat, 2009. p. 7375-7387.

RISTUM, M.. Violência: uma forma de expressão da escola? Aprender (Vitória da Conquista), n. 02, p. 59-68, 2004.

\_\_\_\_\_. As Causas da Violência. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, Rio de Janeiro, v. 05, 2006.

RISTUM, M.; BASTOS, A. C. S.. Violência Urbana - Uma Análise dos Conceitos de Professores do Ensino Fundamental. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 225-239, 2004.

\_\_\_\_\_. A Violência Urbana e o Papel da Mídia na Concepção de Professores de Ensino Fundamental. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto - SP, v. 13, n. 26, p. 181-189, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 2a ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHOMMER, P. C.. Articulação de saberes na relação entre universidade e sociedade: potencialidades, limites e desafios. In: EnANPAD - Encontro Científico de Administração, Salvador, 2006.

\_\_\_\_\_. Indisciplina, violência e o desafio dos direitos humanos nas escolas. In: Governo do Estado do Paraná; Secretaria da Educação. (Org.). Enfrentamento à violência nas escolas. Curitiba: SEE/ Governo do Paraná, 2010, v. 2, p. 11-18.

\_\_\_\_\_. Violência nas escolas: explicitações, conexões. In: Secretaria de Estado da Educação do Paraná. (Org.). Enfrentamento à violência na escola. Série Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos, vol.4. Curitiba: SEED-PR, 2008, v. 4, p. 13-21.

\_\_\_\_\_. Indisciplina, violência e o desafio dos direitos humanos nas escolas. In: Governo do Estado do Paraná; Secretaria da Educação. (Org.). Enfrentamento à violência nas escolas. Curitiba: SEE/ Governo do Paraná, 2010, v. 2, p. 11-18.

\_\_\_\_\_. Educação em direitos humanos: reflexões sobre o poder, a violência e a autoridade na escola. Universitas Psychologica, v. 7, p. 685-695, 2008.

\_\_\_\_\_. Violência/ emergência: um cenário de confrontos. *Perspectivas* (São Paulo), v. 31, p. 13-28, 2007.

SOUZA, Liliane Viana de; RISTUM, M.. Relatos de violência, concepções de violência e práticas escolares de professoras: em busca de relações. *Paideia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto - SP, v. 15, n. 32, p. 377-385, 2005.

VOGT, C. A.. Socializar el conocimiento, la utopia indispensable. *Revista Iberoamericana de Ciência, Tecnologia y Sociedad*, v. 5, p. 1-3, 2009.

WESCHENFELDER, Rosa Cristiana Shavinski ; STECANELA, Nilda . *Bullying: uma violência velada*. In: VII Congresso IBOPE-UNESCO A pesquisa que ensina e VIII Seminário Escola e pesquisa: um encontro possível, 2008, Caxias do Sul. Anais do VII Congresso IBOPE-UNESCO A pesquisa que ensina e VIII Seminário Escola e pesquisa: um encontro possível. Caxias do Sul : EDUCS, 2008.

XAVIER FILHA, Constantina et al. A escola como espaço de identificação e prevenção de violências contra crianças e adolescentes - ações do projeto escola que protege. *Extensão em Foco*, v. 1, p. 67-77, 2008.